

Obrigações pequeninas...
 Nenhuma deixes sem trato.
 Picada de maribondo
 Castiga onça no mato.

Beleza, glória, alegria...
 Não tomes festas em vão.
 A festa desgovernada
 E' carro de contra-mão.

Humanidade — um só povo
 Diante da vida imensa.
 Esforço de cada um —
 Medida de diferença.

NOVENTA CRUZEIROS

Toc, toc... vai lá Adão Passoca
 — Coronel da fazenda enorme e rica —,
 Vai cobrar uma conta da botica
 À pobre cozinheira Nhá Candoca.

A velhinha, deitada na maloca,
 Pede prazo mais longo... Chora e explica.
 Sente febre, tem fome, sua em bica,
 Almoça e janta milho de pipoca...

O Coronel nervoso ergue o cajado,
 Esbraveja mostrando o punho irado
 E, a expulsá-la da choça, espuma e berra...

Mas de tanto gritar, rude e mordente,
 Por noventa cruzeiros simplesmente,
 Cai fulminado e roxo sobre a terra.

Ninguém consegue alterar
A força deste preceito:
Quem mal começa o que faz
Nunca termina direito.

Caridade que deseje
Transformar-se em vida sã,
Se tem auxílio que dar
Não deixe para amanhã.

Felicidade reclama
Que o homem faça direito
Não aquilo que se quer
Mas o que deve ser feito.

ESCONJURO

Espantemos a ignorância com o Espiritismo, neste mundo e no outro.

Depois de morto, o Tonho Fazendeiro,
Ricaço do Varjão de Tapiruva,
Deu de morar num galho de criúva
E assombrar as galinhas do terreiro.

Roncava ser grandão e mandachuva,
Xingava e gargalhava o dia inteiro,
Queria terra e sacos de dinheiro,
A debochar das preces da viúva.

Certa noite surgiu sobre o sarilho
O Espírito do pai que disse: — “Filho,
Deus te abençoe, meu filho, meu Antônio!”

Mas Nhô Tonho correu pulando um muro,
Berrou que nem cabrito: — “Te esconjuro!”
Pensando que o pai dele era o demônio...